



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

MARCIANO DA SILVA AMORIM

SINONÍMIA DE HAGIÔNIMOS NO CONTEXTO DO SANTO DAIME, EM PALMAS-TO

PALMAS

2021



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

MARCIANO DA SILVA AMORIM

SINONÍMIA DE HAGIÔNIMOS NO CONTEXTO DO SANTO DAIME, EM PALMAS-TO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Professor de Língua Portuguesa e Literatura do Curso de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa do IFTO- Campus Palmas.

Orientadora: Profa. Dra. Soraia Cristina Blank Arrais
Coorientadora: Profa. Ma. Juliana Abrao da S. Castilho

PALMAS

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

A524s Amorim, Marciano da Silva
Sinonímia de Hagiônimos no Contexto do Santo Daime, em
Palmas-TO / Marciano da Silva Amorim. – Palmas, TO, 2021.
55 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -
Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO,
2021.

Orientadora: Dra. Soraia Cristina Blank Arrais
Coorientadora: Ma. Juliana Abrão da Silva Castilho

1. Sinonímia. 2. Hagiônimos. 3. Santo Daime. I. Arrais, Soraia
Cristina Blank. II. Castilho, Juliana Abrão da Silva. III. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins
de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a).**

MARCIANO DA SILVA AMORIM

SINONÍMIA DE HAGIÔNIMOS NO CONTEXTO DO SANTO DAIME, EM PALMAS- TO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Professor de Língua Portuguesa e Literatura do Curso de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa do IFTO- Campus Palmas.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA AVALIADORA

Profa. Dra. Soraia Cristina Blank Arrais
IFTO – Campus Palmas

Profa. Ma. Juliana Abrao da Silva Castilho
IFTO – Campus Palmas

Profa. Especialista Deysiane dos Anjos Silva
IFTO – Campus Palmas

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos Seres Divinos pela oportunidade de aprender em matéria.

Agradeço à minha família por ter me encaminhado, a que tenho sempre muito amor e carinho.

Agradeço aos meus amigos(as), queridos irmãos (ãs), e aos irmãos (ãs) da família na Igreja. Todos vocês me ensinam. Vocês inspiram e dão alegria, vocês fazem florescer, fazem jasmincar cheiro de flores com muita alegria.

Agradeço ao IFTO pela oportunidade, aos professores queridos que sempre atenciosos acolheram-me com paciência e sabedoria.

Sou grato aos meus amigos dessa instituição e a todos os profissionais. Vocês são GRANDES SERES a saber acolher os outros em seus aprendizados. Como é bom ter amigos!

Agradeço às minhas orientadoras queridas, Soraia Blank, Juliana Castilho e Deyse dos Anjos que sempre conduziram esta pesquisa com atenção, carinho e dedicação e acolhimento. Gratidão pela escuta, ajudaram-me muito durante minha jornada acadêmica.

RESUMO

Nesta pesquisa, “Sinonímia de hagiônimos no contexto do Santo Daime, em Palmas-TO”, propõe-se analisar a interação que as divindades: Rainha da Floresta, primeiramente avistada no Acre, pelo fundador da doutrina, Raimundo Irineu Serra (Mestre Irineu); Nossa Senhora da Conceição, da religião católica e Iemanjá, advinda das religiões Candomblé e Umbanda, a qual foi promovida a interação na vertente de Sebastião Mota de Melo (Padrinho Sebastião).

Como aporte teórico a respeito de sinonímia, um processo semântico, recorreu-se a Cançado, (2008) e Ilari e Geraldi (2006). Estudos de Análise do Discurso (AD) de Orlandi, (2012) foram utilizados para se chegar às análises identificando a interação.

Os autores Moreira e MacRae, (2014) abordam a interação inicial, devido ao sincretismo religioso. Obteve-se dados sobre o termo sincretismo em Sanchis, (1997). Notou-se, ainda, em Geertz, (2018), a respeito de sistema cultural. Este trabalho destaca que o Santo Daime também pertence a um, onde há símbolos dessas crenças variadas, que são representações culturais; há uma linguagem contida ali, uma identidade cultural, um sistema de representação, do qual Hall (2006, 2020) explica os termos, formando assim uma unidade significativa para os que comungam dos saberes ali contidos, entendendo assim a linguagem promovida no local.

Desse modo, sendo um trabalho em âmbito da Literatura Regional, buscou-se nos hinários da instituição daimista, da comunidade palmense, como acontece essa interação, entendendo sobre Interdiscurso em Orlandi, (2005), em dito e não dito. A pesquisa pode identificar que nos hinos os termos estudados referem-se a uma mesma entidade, tornando-as sinônimas, por intermédio do sincretismo religioso.

Palavras-chave: Sinonímia. Hagiônimo. Santo Daime.

ABSTRACT

In this work, “Sinonímia de hagiônimos no contexto do Santo Daime, em Palmas-TO”, the objective was to analyze the interaction among the deities: Rainha da Floresta (Queen of the forest), first seen by the founder of the doctrine, Raimundo Irineu Serra (Mestre Irineu), Nossa Senhora da Conceição (Our Lady of Conception) from the catholic religion and Iemanjá, a deity from the Candomblé and Umbanda, whose interaction was promoted by Sebastião Mota de Melo (Padrinho Sebastião). As the theoretical framework about synonymy, a semantic process, Caçado (2008) and Ilari Geraldi (2006) were invoked. Orlandi's (2012) studies on Discourse Analysis (AD) were used to achieve the proposed analyses, thus identifying the interaction. The author Mac Are (2014) approaches the initial interaction, due to the religious syncretism. There were obtained data on the term syncretism in Sanchis (1997). It was observed, still, in Geertz (2018), concerns on cultural systems. This work highlights that the Santo Daime also belongs to a cultural system, where there are symbols of those varied beliefs, that are cultural representations; there is a language inserted there, a cultural identity, a representational system, from which Hall (2006,2020) explains the terminology, therefore forming a significant unit for those who partake the knowledge shared by that culture, thus understanding the language spoken in the place. Thereby, being a work in the scope of Regional Literature, it was sought in the hymns of the Dime Institution in Palmas, how the interaction of deities occur, comprehending about Interdiscourse of Orlandi (2005), on said and non-spoken. The research could identify that, in the hymns, the studied terms refer to the same object, thus, they are synonyms, through the religious syncretism.

Keywords: Synonymy. Hagionym. Santo Daime.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| IMAGEM 1 – Nossa Senhora da Conceição..... | 34 |
| IMAGEM 2 – Rainha da Floresta..... | 35 |
| IMAGEM 3 – Iemanjá..... | 37 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 | |
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1.1 Tema e Problema..... | 11 |
| 1.2 Justificativa..... | 12 |
| 1.3 Objetivo geral e específicos..... | 13 |
| 1.4 Metodologia..... | 13 |
| 2 CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL NO CONTEXTO DAIMISTA..... | 15 |
| 2.1 A linguagem e relação social, no Santo Daime..... | 16 |
| 3 RELAÇÃO SINCRÉTICA ENTRE RELIGIÕES TRADICIONAIS E NOVAS RELIGIOSIDADES..... | 18 |
| 3.1 Religião tradicional: xamanismo..... | 18 |
| 3.2 Religião tradicional: o catolicismo..... | 19 |
| 3.3 Religião tradicional: os candomblés..... | 19 |
| 3.4 Religião tradicional: o espiritismo..... | 21 |
| 3.5 Religião tradicional: a umbanda..... | 22 |
| 3.1.1 Novas religiosidades no Brasil: religiões neo-ayahuasqueiras..... | 24 |
| 3.1.2 Nova religiosidade: a Barquinha..... | 24 |
| 3.1.3 Nova Religiosidade a União do Vegetal (UDV)..... | 25 |
| 4 UMA NOVA RELIGIOSIDADE: SINCRETISMO NO SANTO DAIME..... | 27 |
| 5 O SANTO DAIME: SISTEMA CULTURAL..... | 31 |
| 6 SEMÂNTICA E SINONÍMIA NA LITERATURA REGIONAL..... | 33 |
| 7 OS HAGIÔNIMOS NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, RAINHA DA FLORETA E IEMANJÁ, NO SD..... | 34 |
| 7.1 Nossa Senhora da Conceição..... | 35 |
| 7.2 Rainha da Floresta..... | 36 |

| | |
|---|----|
| 7.3 Iemanjá..... | 38 |
| 8 SINONÍMIA DE HAGIÔNIMOS NO SANTO DAIME..... | 40 |
| 9 SOBRE O SISTEMA CULTURAL DO SANTO DAIME, EM PALMAS-TO..... | 44 |
| 10 ANÁLISE DA SINONÍMIA ENTRE IEMANJÁ, NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E RAINHA DA FLORESTA..... | 46 |
| 10.1 Análise de sinonímia em Nossa Senhora da Conceição e Rainha da Floresta em "Eu Vinha de Viagem" | 46 |
| 10.2 Análise entre Rainha da Floresta, Nossa Senhora da Conceição e Iemanjá em "Caboclo Afirma o Ponto" | 47 |
| 11 CONCLUSÃO | 49 |
| REFERÊNCIAS..... | 51 |

1 INTRODUÇÃO

Direciona-se, esta pesquisa, aos estudos da linguagem e das representações culturais a partir do *sincretismo religioso*¹, no contexto do Santo Daime, no Tocantins.

Os indivíduos que comungam o Santo Daime (doravante SD), no contexto de Palmas, Tocantins, ao qual o autor da pesquisa integra-se, têm construído suas representações a partir das divindades cultuadas, símbolos, crenças, rituais, dentre outros. Dos muitos símbolos que cultuam, os hagiônimos, que é a nomenclatura dada a eles a partir de uma divisão da antroponímia, aos nomes de personalidades religiosas, a antroponímia é uma área da onomástica, esta da semântica, Aguiar, (2018). Tem-se referências, nesta pesquisa, as santas: Rainha da Floresta, Nossa Senhora da Conceição e a orixá Iemanjá, como representações a um mesmo objeto, surgindo um processo de sinonímia entre entidades de diferentes culturas, ao analisar os hinários da instituição.

Responsável pela junção desses nomes e seus significados, o sincretismo, fez com que essa interação fosse possível e santos e deuses de culturas diferenciadas pudessem interagir-se no percurso histórico.

Além do sincretismo ser o articulador dessa junção nas religiões tradicionais, do judaísmo para o catolicismo, o espiritismo e o candomblé que tem concepções do catolicismo, a umbanda interage com os últimos três citados, isto é, traz algumas características, crenças. Também é responsável pela interação das novas religiosidades: o SD, a Barquinha² e a UDV³. Mas, o trabalho aqui se resumirá em atender as concepções da sinonímia dos hagiônimos citados acima, e focando apenas no contexto daimista.

Tendo isso em vista, o presente projeto de pesquisa visa contribuir para destacar

¹ Sincretismo Religioso: interação entre religiões de distintas culturas. Toda religião é sincrética, como afirma Pierre Sanchis, (1997).

² Barquinha é uma religião neo-ayahuasqueira, podem ser observadas as informações em Moreira e MacRae, (2014).

³ A União do Vegetal (UDV) também é uma religião neo-ayahuasqueira, usam também a ayahuasca nos ritos, como visto em Ricciardi, (2008).

que provavelmente consta *sinonímia*⁴ quando comparadas às santas do SD, interagindo com outras religiões, sendo uma forma de um grupo social experienciar suas vivências de mundo em consideração a interação dessa linguagem, neste âmbito social e cultural.

1.1 Tema em Estudos Literários:

- Estudos culturais na Literatura Regional: semântica e sociocultural.

Delimitação do Tema:

- Destacar a sinonímia dos hagiônimos no contexto da religião do Santo Daime, onde há entidades como Nossa Senhora da Conceição, Iemanjá e Rainha da Floresta, que se referem umas às outras; a saber: nomes e cantos, num processo de pesquisa transdisciplinar.
- Através desse estudo, em coleta de dados a partir de hinários, livros, obteve-se informações, também, do que se trata o termo hagiônimo, em Aguiar, (2018).
- A partir do estudo sociocultural, esclarecer sobre sincretismo religioso para entender essa relação de sinonímia e hagiônimos.

O estudo semântico e também sociocultural, dentro da Literatura Regional sobre os hagiônimos, levando em consideração o contexto do Santo Daime, religião brasileira formulada no começo da década de 30, abrirá um campo de pensamento, no qual, nomes de entidades religiosas podem ter um mesmo sentido ao estudarmos o campo da Semântica, através da sinonímia.

Nomes como Nossa Senhora da Conceição, Rainha da Floresta e Iemanjá, são palavras que diferem na grafia e contexto histórico, mas que se referem a um mesmo “objeto”, por intermédio do sincretismo religioso.

Sendo uma religião Brasileira, o Santo Daime faz referência ao Sincretismo Religioso, onde se misturam várias concepções religiosas, interagindo-se crenças

⁴Sinonímia é o fenômeno dado às palavras sinônimas, como explicam Ilari e Geraldi em SEMÂNTICA 1987, pág. 43.

indígenas, cristãs, espírita - onde se misturam o espiritismo de Allan Kardec, e a umbanda - formando então uma estrutura de religião diferenciada, haja vista que muitas concepções de outras a ela se agregam. Construindo assim uma novidade para o mundo, despertando em estudiosos a vontade de buscar entendê-la através de estudos como esse, em que se destacará semelhanças desses símbolos levando em consideração estudos de literatura regional, culturais e semânticos.

1.2 Justificativa

No estudo em que aborda as variações referentes aos santos do Santo Daime, justifica-se a necessidade de estudos nesse contexto, deste âmbito social ao qual não se tem muitos estudos científicos na área da linguagem, dentro dos estudos culturais da Literatura Regional, como visto em trecho de Glauber Loures de Assis, Beatriz Caiuby Labate e Clancy Cavnar em que afirmam o fato de “a análise a partir dos eixos musical e linguístico permanece pouco estudada.” (ASSIS, LABATE, CAVNAR, 2017, p. 166).

Dessa forma, percebeu-se que os estudos nesse campo se mostram escassos tendo materiais quase inexistentes, até o momento desta pesquisa de textos que abordassem sobre a sinonímia nesse contexto religioso. Com isso, desperta a necessidade de explicar essa variedade no âmbito de entender como se dá esse processo com relação a menção dos hagiônimos nos hinos que se enquadram também, em âmbito da literatura regional por se tratarem de textos que contém um teor literário com versos, estrofes, e muitas vezes rimas.

Quando buscam os fiéis do Santo Daime denominar a Santa Rainha da Floresta como a mesma N.S da Conceição, bem como Iemanjá, observa-se que cada palavra dessas carregam um fato social, são sinônimas, referindo-se à um mesmo objeto por intermédio do sincretismo religioso e carregam cada uma a sua história, percebendo que esses nomes próprios advêm de culturas distintas, formulando a cada grupo novo, adequando-se às suas realidades.

Em vista disso, a necessidade desse estudo será compreender esses nomes e buscar observá-los como sendo sinônimos, para ter-se como aprendizado não só a nomenclatura, mas também destacar que cada grupo está inserido em um campo social

e cultural, e assim, cada leitor possa refletir sobre os hagiônimos notando a presença de sinonímia, levando em consideração seus significados, dada a relação semântica.

1.3 Objetivo geral e objetivos específicos

Em foco o objetivo geral será compreender o que provoca a sinonímia referente aos hagiônimos Rainha da Floresta, Nossa Senhora da Conceição e Iemanjá na cultura da religião do Santo Daime em Palmas, Tocantins. E quanto aos objetivos específicos:

- ✓ Examinar nos hinários do Santo Daime o sincretismo em que a Rainha da Floresta, Nossa Senhora da Conceição e Iemanjá interagem, representando uma à outra;
- ✓ Analisar os hagiônimos no contexto daimista, como também seus contextos em diferentes campos religiosos por via de estudos em diferentes autores e a partir da análise dos textos/hinários, obteremos uma possível sinonímia, pois nesses textos nota-se a significação dada, dentro do âmbito da Literatura Regional.

1.4 Metodologia

A metodologia à qual se deu as análises referentes a sinonímia presente nos hagiônimos, fundamentam-se com base nas teorias da Análise de Discurso, em que, "procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral constitutivo do homem e da sua história" (ORLANDI, 2005, p. 15). Sendo assim, refletiu-se sobre o interdiscurso, que a mesma aborda, utilizando do dito e não dito para propor a presença da sinonímia nos hinos.

Pensou-se, na produção, analisar o interdiscurso, que segundo a Orlandi, (2005), refere-se ao que já foi dito, uma memória discursiva que está esquecida. Ao se pensar nas santas do Santo Daime, pode-se pensar também sobre o interdiscurso a ser observado, no sentido de que Nossa Senhora da Conceição e Iemanjá, foram ditas como tendo uma significância em distintos grupos sociais, e o Santo Daime formula seu discurso da Rainha da Floresta, e a da vertente do Padrinho Sebastião aos três hagiônimos pela interação sincrética. Nesse pensar, o próprio grupo social hoje está

conectado a uma memória não individual coletiva. No interior carregam uma comunhão de saberes que foram passados de um dito, para outro dito, que configura uma junção de significados de outras religiões, formando uma escola onde esses remodelam em sua visão de mundo características dadas de outras Instituições. Muito se pode ter no discurso, e nele também contém um esquecimento, uma não lembrança. O sincretismo, de certo modo, pode se torna implícito ao pensar sobre alguns adeptos dentro da doutrina, pois isso aconteceu em um determinado período histórico e foi dito por alguém aquelas significâncias de mundo, mas o campo da pesquisa se centrou a analisar precisamente a sinonímia presente nos hinos.

A autora também fala do "dito" e "não dito" através de teorias de Ducrot, (1972), em que há "um não dizer implícito, o pressuposto, e subentendido, este autor vai separar aquilo que deriva propriamente da linguagem (pressuposto), daquilo que se dá em contexto subtendido" (ORLANDI, 2005, p. 82). Nesse sentido foi possível destacar que nos hinos há essa característica. No caso ao se pensar sobre a análise nesse campo, o Santo Daime tem em seus hinos alguns ditos e não ditos ao se pensar sobre o nome dessas entidades em algumas estrofes, sendo possível destacar o sinônimo. Por exemplo: se no hino do Mestre Irineu diz: "encostado a minha mãe e meu papai lá no astral", pode-se observar que ele fala da Rainha da Floresta e do pai, o Deus, isto é, ele não falou exatamente o nome desses seres, mas os adeptos teriam a noção do que se refere mesmo que não tenha dito. Ele ainda discursa: "Minha flor minha esperança/ Minha rosa do Jardim / Para sempre eu quero estar / com minha mãe juntinha a mim". Nesse caso a Rainha da Floresta já é dada como Flor, a esperança e a rosa do Jardim, mas em nenhum momento ele fala o nome dela explicitamente, mas, fica no imaginário dos adeptos a quem se dá a referência por terem a consciência de mundo daquele local. Em nenhum momento desse hino o Mestre Irineu falou o nome delas, mas usou de sinônimos as quais a distinguem. Percebe-se, ainda, que como ela é a Rainha da Floresta, se torna flor, rosa, sempre ligada à natureza.

Dessa forma, a análise para destacar essa sinonímia partiu de analisar dentro da AD o "não dizer" presente neles, essencial para análise em que muitas vezes o pressuposto "x", poderá soar ao contexto subtendido de "y" em que as santas interagem mesmo quando essas não são de certa forma expostas em palavras escritas ou faladas,

mas sendo sinônimas pelo contexto ideológico ao qual formaram seu discurso.

2 A CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL NO CONTEXTO DAIMISTA

Para analisar a sinonímia referente aos hagiônimos do Santo Daime, necessita de uma breve explanação do significado de cultura, haja vista que os adeptos desta religião estão ligados a um sistema cultural como será explicado em tópico mais adiante, com teorias de Geertz, (2008). Também se analisa a identidade cultural do grupo, levando em consideração que segundo Hall, (2006), as pessoas projetam nelas mesmas as suas identidades culturais, ao mesmo instante que internalizam significados e seus valores, aos quais se tornam parte dos indivíduos em seus âmbitos culturais.

Segundo HALL (2016), todas as ações sociais, também são culturais, isto é, expressam, comunicam significados, são as práticas de significações, e, neste sentido, são definidas como "práticas de significação". Todas ações dos indivíduos perante a sociedade, a construção de ideias e valores remetem ao que se denomina a cultura.

Há prática de significação, nesse sentido, ao expor o Santo Daime como exemplo, devido ser um lugar onde práticas sociais acontecem e por comunicar significado aos adeptos, os valores ali contidos, dos símbolos religiosos até a roupa que vestem, são características culturais dadas àquele grupo. O uso dos cânticos, o maracá, o hinário, a mesa de centro em formato de estrela de seis pontas ao centro das casas, são dentro desta, ou analisando qualquer outra religião em seus ramos culturais, expoentes de significados, tomando-se identidade cultural que cada uma delas têm em particular.

Explica, ele, "em toda cultura há sempre uma grande diversidade de significados a respeito de qualquer tema, e mais de uma maneira de representá-lo ou interpretá-lo" (HALL, 2016, pg. 20), percebe-se então que cada religião tratará de uma forma seus símbolos sagrados, isto é, a mesma Nossa Senhora da Conceição cultuada no catolicismo, poderia soar como falsa a ideia de ser a mesma Rainha da Floresta se comparasse ao catolicismo. Porém, na cultura daimista, interagem e significam como sendo a mesma santa, contendo valor para eles, a partir de dados advindos dos hinários

e livros que contam a história da doutrina, como se verá nas páginas mais adiante.

2.1 A linguagem e sua relação social no SD

A cultura e a linguagem estão inseridas no processo de representação. "A representação conecta o sentido, a linguagem e a cultura" (HALL, 2016, p. 31). Por esse viés, algo se representa e dá sentido aos seres. No caso do Santo Daime, por exemplo, é um local que representa sentido a partir da visão de mundo dos adeptos.

Marra aborda sobre a linguagem do primeiro homem que a entendeu como um fato social em que Meillet "realça sua noção dizendo que a linguagem possui uma realidade que é tanto linguística quanto social." (MARRA; MILANI, 2012, p. 79). Nesse sentido, a linguagem tem característica social, bem como a língua segundo aborda o autor descrevendo Meillet, é aprendida porque inúmeros falantes a utilizam, chamando a de uma "convenção social".

A língua de um povo, sendo assim, é aprendida em âmbito social, pois as pessoas a absorve em sociedade, e a relação entre a linguagem está ao fato de que "a língua é uma das maneiras como se manifesta exteriormente a capacidade humana a que chamamos "linguagem." (PERINI, 2010, p.12). A linguagem, argumenta ainda, pode ser dada num conceito muito mais abrangente ao pensar sobre "os sinais de trânsito", que é uma linguagem, como ao referenciar a "linguagem das abelhas", sendo distintas a forma de perceber tais conceitos de linguagem como mecanismo de cada ser humano, e linguagens como representações.

Entende-se que "Os indivíduos, em razão de suas histórias sociais, aprendem a língua de forma diferente dos demais, disso resulta que eles se diferem também no uso linguístico em suas relações cotidianas. (MARRA, MILANI, 2013, p. 1). São tantos grupos sociais na sociedade, tantas culturas de indivíduos espalhados e com sua capacidade de adquirir conhecimentos que seria impossível que entendessem sobre todos os códigos espalhados na sua sociedade. Acontece nela uma interação entre os indivíduos.

No caso do Santo Daime, é representado como um sistema cultural ao qual passa uma representação, uma linguagem, através dos códigos estabelecidos nesse sistema

cultural, em que cada ser conecta os sentidos das linguagens e assim expõem conjuntos de regras da língua a formar a identidade do povo em suas distintas culturas. Moreira e MacRae, (2014), explicam sobre a forma com que muitas pessoas condensam o sentido de religiões neo-ayahuasqueiras como sendo apenas o Santo Daime, sendo que, muitas outras como a Barquinha, e UDV também são típicas religiões que utilizam o chá previamente estabelecidos pelas religiões indígenas. Neste dado exemplo sobre a inadequação de perceber a palavra por dados indivíduos, a linguagem vista como mecanismo, fará com que cada uma das pessoas que buscarem as informações sobre o termo "neo-ayahuasqueiro", possa ampliá-lo no sentido de que não é apenas uma religião que o determina, isto é, ele aprenderá a partir de outro indivíduo que estabeleceu um sentido ao termo.

3 RELAÇÃO SINCRÉTICA ENTRE RELIGIÕES TRADICIONAIS E NOVAS RELIGIOSIDADES

O sincretismo é a interação de elementos sagrados de outras religiões, como diz Sanchis, (1995). Tendo isso em consideração, as religiões tradicionais abaixo são sincréticas e trazem características de uma a outra. Como religiões tradicionais, evocamos o xamanismo, catolicismo, protestantismo, espiritismo, candomblé e a umbanda, visto que são essas as que se vê mais relação com as novas religiosidades sincréticas brasileiras a exemplificar: o SD, a União do Vegetal (UDV) e Barquinha. Ambas comungam o sacramento extraído da Rainha e Jagube (nomes ligados à religião daimista), mas com nomes da bebida distintos, sendo um o Santo Daime e a UDV, designa como o Vegetal. Com base na Barquinha, usam o mesmo nome “daime” pelo fato de o próprio criador da religião ser discípulo do Mestre Irineu antes da fundação desse sistema cultural. Lembra-se que há duas formas de sincretismo nesse contexto, o que *pro-vem* e o que *ad-vem*, que no caso do sincretismo brasileiro é a segunda característica, em que Sanchis, (1995), amplia esse pensamento.

3.1 Religião tradicional: xamanismo Indígena brasileiro

Há no Brasil diversas religiosidades indígenas, pois, há tantos diferentes povos e, assim, diferentes culturas. Ao analisar, por exemplo, a religião indígena, leva-se em consideração de qual povo esta advém, pois há diferentes manifestações religiosas desses povos e, percebe-se assim, visto que como dizem Oliveira e Luciano, (2006), mais de 5 milhões deles viviam no Brasil até a chegada dos portugueses, mas hoje com uma realidade bem diferente, como afirma o IBGE, (2010), em que conta-se cerca de 817.963, até a data citada.

Com tantas distinções desses povos, dizem que se assemelham no quesito de adquirir seus saberes a partir de crenças religiosas na cosmologia ancestral, sendo a base o mundo/natureza como consta algumas informações retiradas do texto dos tais

autores.

Tem como exemplo, a religião do Tupy Guarany, as quais referência Pompa, (2001), não era tida como religião pelos jesuítas, mas, ainda assim, faziam a analogia de suas crenças com as deles. Um exemplo era ao de Deus, como referência a Tupã, ao qual tem-se referência também na literatura, no livro "CARAMURU", em que Frei Santa Rita Durão, explica a história de Diogo (Caramuru), que se tornaria filho de Tupã: o Deus do trovão, a partir de uma interpretação dos indígenas ao verem ele atirar para cima com arma de fogo, num ataque de grupos rivais à aldeia onde este encontrava-se em cativo.

3.2 Religião tradicional: o catolicismo

A religião católica é uma das instituições organizadas com mais tempo num percurso histórico ao longo dos milhares de anos e interage com crenças judaicas, onde o hagiônimo Deus é o principal símbolo sagrado a reverenciar. Essa possui milhões de adeptos. No livro História da Igreja cristã, Hurlbut, (2007), que elabora o seu texto para estudo da igreja protestante, diz que a igreja cristã está há vinte séculos no percurso histórico como uma religião organizada. Passou por seis períodos ao longo dos séculos, o da 1) igreja apostólica; 2) igreja perseguida; 3) igreja imperial; 4) igreja medieval; 5) igreja reformada e 6) igreja moderna. Sendo assim, exemplifica-se aqui a presença do sincretismo religioso no início da ideia do cristianismo, aos quais fundiram com as concepções judaicas, no primeiro período.

Segundo o autor, a igreja teve início, logo após a ascensão de Cristo, ou seja, depois de ter ressuscitado no monte das Oliveiras, no ano 30, depois de seu nascimento. Esse período seguiu até a morte de João, no ano 100. Relata que esse processo foi gradual, até que os ensinamentos que obtiveram a partir do que ouviram de Cristo, chegaram a todo o mundo. Diz que os autores dessa propagação foram liderados pelos próprios apóstolos de Cristo, o Pedro e o Paulo.

Visto isso, analisa-se que, o catolicismo tem várias referências religiosas. Nessas igrejas encontram-se símbolos sagrados como imagens, estátuas de santidades (santos, anjos e diversos seres divinos) e aderem o símbolo "Deus", "Jesus" e "Espírito Santo", como principais referências divinas.

3.3 Religião tradicional: os candomblés

O Livro de Roger Bastide, (1961), escritor francês que fala sobre a Bahia, escreve sobre situações que ele viu e ouvir dizer sobre a religião da cultura afro-brasileira. O autor, no seu discurso Inicial, diz que "o negro africano, enquanto escravo, só interessou ao brasileiro branco como mão-de-obra." (BASTIDE, 1961, p. 07), descartava-se então o interesse no campo de suas religiosidades.

Esse escritor traz informações não só sobre o contexto dos candomblés enquanto espaço de resistência, conhecimento, ancestralidade, rituais, mas como também designa que ela é um espaço familiar, festivo e de socialização.

Aborda também sobre os seus deuses, os orixás, e de seu texto foi buscada informações a respeito de Iemanjá, em que, mais a frente em "Hagiônimos no Santo Daime" mostrará algumas de suas informações.

Relata que os primeiros estudos referentes as religiosidades dos negros surgiram a partir de 1896, como datados, em artigo na Revista Brasileira, "Um Jovem Negro Baiano", de Nina Rodrigues. Esse autor, segundo ele, apesar de ter um rico acervo etnográfico em suas pesquisas, acreditava que as manifestações religiosas do negro seria "histeria" e que não poderiam se encaixar na civilização ocidental. O pensar visando esse contexto é o teor de imposição cultural em que a cultura dominante inferioriza a outra por um olhar a partir do seu lugar de fala.

Os Candomblés, religiões que mais recentemente na cronologia interagem com os santos católicos, antes tinha os deuses adorados em distintas tradições e povos da África, em que "...perpetuam, portanto, tradições diferentes: Angola, Congo, Gêge (isto é, Ewe), Nagô (têrmo com que os franceses designavam todos os negros de fala yoruba, da costa dos escravos), Quêto (ou Ketu), Ijêxa (ou Ijesha)." (BASTIDE, 1961, p. 17), Isto é, na época em que os povos daquele continente foram escravizados e assim trazidos para o Brasil, vinham de vários países e cada um com um Deus (Orixá) ou mais que cultuavam, trazendo cada um, sua cultura e, com isso, interagiram-se.

Esses povos por partirem de diferentes nações e tradições, reuniram aqui, também, diferentes candomblés, onde as diferenciações estão dos cânticos ao ritmo da batida dos tambores, se com as mãos ou com varetas, e agrupam crenças dos deuses desses dados países da África, afirma o autor.

A relação sincrética com o catolicismo se dá, visto que segundo Prandi, (2004):

“O candomblé - religião brasileira dos orixás e outras divindades africanas que se constituiu na Bahia no século XIX – e demais modalidades religiosas conhecidas pelas denominações regionais de xangô, em Pernambuco, tambor-de-mina, no Maranhão, e batuque, no Rio Grande do Sul, formavam, até meados do século XX, uma espécie de instituição de resistência cultural, primeiramente dos africanos, e depois dos afro-descendentes, resistência à escravidão e aos mecanismos de dominação da sociedade branca e cristã que marginalizou os negros e os mestiços mesmo após a abolição da escravatura” (PRANDI, 2004, p. 223).

Com isso, o sincretismo dentro dessa religião se constitui como forma de buscar um lugar na sociedade sem que sofressem julgamentos a partir das suas crenças, interagindo-se os seus símbolos religiosos. Explica o autor que não seria apenas o candomblé a sofrer com a tal desconsideração, mas outras religiões também, outras religiões do povo afro-brasileiro da época, marginalizando-se o povo negro mesmo após a escravatura, como destaca.

3.4 Religião tradicional: o espiritismo

O espiritismo, religião - tida como doutrina pelos seus frequentadores - que também adquiriu elementos da religião cristã, analisa de forma particular o evangelho da bíblia sagrada, em que os próprios adeptos têm como referência o “Evangelho Segundo o Espiritismo”.

Allan Kardec, escritor da referência abordada, explica essa religião (doutrina) como uma ciência e que segundo as suas intenções, revela ao homem a existência e também natureza do mundo espiritual a relação desta com o mundo corporal, descarta a teoria do sobrenatural e explica-a como "força viva e incessante através da natureza com uma multidão de fenômenos incompreendidos" (KARDEC, 2009, p. 27).

Segundo o autor, o antigo testamento está personificado em Moisés, O Novo Testamento em Cristo e o espiritismo refere-se à terceira revelação de Deus não se personificando em indivíduo, mas sim nos espíritos, a fonte dos saberes, chamados de "vozes do céu".

Diz, então, que suas crenças não se dão em destruir as crenças da lei cristã, mas

cumpri-la segundo as explicações e interpretações obtidas pelos espíritos.

No Brasil, os primeiros espíritas brasileiros surgiram no estado do Ceará ao mesmo tempo que crescia a doutrina na França. Sobretudo, o grupo que se intitulava Grupo Familiar do Espiritismo, na Bahia, em 1865, foram os responsáveis pela propaganda desta, afirma Prandi, (1990), ao analisar as falas do Sr. Cartão da Cunha.

Relata que "O primeiro movimento espírita organizado no Rio de Janeiro data de 1873, cujo lema era então "Sem caridade não há salvação". Mas antes desse ano o espiritismo já era praticado no Rio, como em outros estados, como meio de comunicação com o mundo dos mortos" (PRANDI, 1990, p. 54). Continua sua análise e ressalta que é neste momento que aparece Bezerra de Menezes, nascido em 1831, que se converteu ao espiritismo depois de três décadas praticando a medicina oficial.

Em 1857 começam então ser publicados os primeiros livros essenciais de Allan Kardec, pela editora Garnier e em 1900 passa a ser fundadas federações espíritas por todo o país, e mais adiante teve grande destaque o médium Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier) com a ideia kármico-evolucionista, que reforça a caridade como condição da salvação do espírito que se foi competente, ilustre, virtuoso e competente teria mais condições de gozar da condição de ser salvo.

3.5 Religião tradicional: a umbanda

A Umbanda é uma típica religião brasileira que teve seu primeiro centro constituído no estado do Rio de Janeiro por volta dos anos 1920, ressalta que "teria nascido como dissidência de um kardecista que rejeitava a presença de guias negros e caboclos, considerados pelos espíritas mais ortodoxos como espírito inferiores." (PRANDI, 1990, p. 54). E é possível também observar interação com o Candomblé e sua interação com o Catolicismo.

Em suas crenças são evidenciados "os caboclos, boiadeiros, pretos velhos, ciganas, exus, pombagiras, marinheiros, crianças. Perdidos e abandonados na vida, marginais do além..." (PRANDI, 1990, p. 61), e o intuito destes é o de "trabalho pela felicidade do homem sofredor", afirma ainda que essa prática, advém do Kardecismo, em que se trabalha pela caridade.

Quanto à interação com os orixás, deuses adorados no Brasil primeiramente em ritualísticas do candomblé, afirma que possui influência do catolicismo, em que incorpora suas virtudes teológicas que se resumem na fé, na esperança e na caridade.

Essa breve explicação sobre as religiosidades tradicionais está ligada ao trabalho no quesito de entender sobre a relação sincrética, pois através dela será possível constatar o processo em que ocorre a sinonímia.

3.1.1 Novas religiosidades no Brasil: religiões neo-ayahuasqueiras

Com esse aparato de religiões tradicionais, damos seguimento a explicação das novas religiosidades, exemplificando três religiões que usam o chá ayahuasca: O santo Daime, a União do Vegetal e a Barquinha, a quais Moreira e MacRae, (2011), explica serem religiões neo-ayahuasqueiras.

Trata-se aqui de nova religiosidade, pois, vai de encontro a algo totalmente novo em que interage crenças com todas as outras citadas acima, com a principal referência de sua construção o chá, que são dadas diferentes nomenclaturas por cada instituição.

Richiardi aborda sobre o uso do chá, denominado por ela "enteógeno", o seguinte:

“O chá consumido nos rituais (conhecido cientificamente como Ayahuasca) é denominado Hoasca ou Vegetal pelos adeptos da UDV, mas a nomenclatura difere de acordo com a religião ou grupo que o utiliza. Este chá é considerado sagrado pelos seguidores da religião, pois possibilita o encontro com o divino. É também considerado capaz de curar e de transmitir conhecimento. Permite o acesso a uma dimensão espiritual onde se pode vislumbrar um estado de consciência diferente do cotidiano” (RICHIARDI, 2008, p. 08).

Como o objeto de estudo do trabalho não se aplica aos estudos semânticos sobre as entidades religiosas UDV e a Barquinha, a breve explicação sobre essas religiões estará ligada sob a perspectiva de analisar o percurso histórico. Com isso, a primeira explicação sobre essas duas será breve, explicitando seus fundadores e épocas, como também a presença do sincretismo e, após isso, será trabalhado com mais afinco a presença do sincretismo religioso no SD.

3.1.2 Nova religiosidade: a Barquinha

O fundador da barquinha, Daniel Pereira de Mattos, nasceu em 13 de julho de 1988, segundo descreve Magalhães, (2016) em "Um Barquinho para navegar: devoção e habitus religioso na constituição da Capelinha de São Francisco", o autor aborda sobre o contexto histórico da vida do fundador da barquinha que, de Major, passou a ser Mestre espiritual de uma legião de pessoas e assim examina hábitos e costumes relativos a "Capelinha de São Francisco", instituída pelo Mestre Daniel.

Sua pesquisa acrescenta que o mestre espiritual da religião, inicialmente, havia tido contato com o próprio Raimundo Irineu Serra, mestre do SD, quando chegou no Acre em 1930, e mais adiante, após várias terapias com o Santo Daime para cura de seu alcoolismo, teve uma visão de um anjo com um livro azul, vindo do céu, com a significação como uma força divina a qual lhe entrega uma missão para a caridade.

Como diz, em:

“Na força do Daime daqueles trabalhos espirituais, a visão de um determinado Livro Azul conformava gradualmente a experiência do sagrado de Daniel Pereira de Mattos. O inefável livro por vezes também foi mostrado a ele quando, inebriado, varava pelos igarapés em seus reticentes descansos após a boemia. Certa vez, no ano de 1945, o músico visionário compreendeu, dentro da miração, o conteúdo do Livro Azul que se abria, ou melhor, se revelava, despertando nele “qualidades carismáticas” inspiradas” (MAGALHÃES, 2016, pg.164).

Esse livro, segundo remete o autor, seria uma como uma bíblia para a formação dessa religião, dessa forma, nota-se uma interação também com os itens da igreja cristã e como era discípulo do Mestre Irineu, seguiu nessa nova ramificação. Essa religião também contém características do candomblé e umbanda quando esses também se referem aos orixás em alguns de seus cânticos.

3.1.3 Nova religiosidade: A União do Vegetal (UDV)

A UDV é uma nova religião formada na década de 60, do século XX, como relata a autora Richiardi (2008), em sua dissertação de mestrado, em que explica o fundador desta religião como sendo o José Gabriel da Costa, respectivamente, o Mestre Gabriel.

A Doutrina, reflete a autora, tem base no cristianismo e possui também elementos religiosos indígenas e africanos. Porém, com algumas especificidades como ao fato de que "A UDV se volta para a doutrinação do espírito encarnado, não realizando incorporações nem distribuição de passes." (RICHIARDI, 2008, p. 44). Mesmo tendo como elementos alguns dos aspectos do espiritismo, mas reinterpretando algumas das crenças.

Aborda ainda que "A doutrina é passada através de chamadas, músicas, histórias

e falas." (RICCIARDI, 2008, p. 46). As chamadas são cânticos, as músicas são passadas mediante ao sentimento do próprio mestre de cada instituição. As histórias são contadas nos trabalhos e muitas delas são restritas aos membros.

4 UMA NOVA RELIGIOSIDADE: SINCRETISMO NO SANTO DAIME

O Santo Daime, por sua vez, é uma nova religião Brasileira fundada na década de 30, quando Raimundo Irineu Serra, o Mestre Irineu, maranhense, negro e neto de escravizados foi escolhido, segundo os relatos do livro “Eu Venho de Longe”, dos autores Moreira e MacRae, (2014), para essa “missão” dada pela própria Rainha da Floresta, que em sua aparição, segundo relatam as pessoas que conviveram e ouviram relatos do Irineu, apresentou-se como Clara e posteriormente o fundador a identificou como sendo a Nossa Senhora da Conceição. O livro explica que através dessas aparições foi que se solidificou essa nova religião brasileira e constitui esse novo sistema cultural através das mensagens recebidas pela própria santa, como dizia o Irineu.

Nesta doutrina se faz o uso da bebida sagrada Daime, que segundo os praticantes da religião é um ser divino. O chá na religião tem a nomenclatura de “Santo Daime”. O sacramento (nomenclatura dada pela ciência), em seu preparo, é composto por duas plantas: o jagube *Banisteriopsis caap* e a chacrona *Psychotria viridis*, segundo afirma Assis, (2014).

Essa bebida tida como sagrada por eles e nomeada pelo seu mestre com essas dadas nomenclaturas, era tratada pelos indígenas quíchuas pelo termo “ayahuasca”, significando “cipó ou liana das almas”, segundo Assis, (2014). A ideia de mudar o nome da bebida para tal foi talvez uma forma “de evitar as conotações pejorativas então atribuídas a elementos culturais associados às tradições indígenas ou caboclas.” (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 101).

Podemos encontrar a afirmação sobre a entrega da religião no trecho de Saturnino Brito de Nascimento, que trata-se de uma versão dos mitos fundadores do Santo Daime em que também reforça a hipótese de o hagiônimo Rainha da Floresta ser a mesma Virgem da Conceição, constituindo-se assim a interação entre as concepções daimistas e concepções cristã:

“...Foi quando veio a Senhora da Lua
E disse com devoção:

– Olha, eu sou a tua Mãe,
Virgem da Conceição...”
Agora posso te entregar,
O mundo está em suas mãos,
Para você doutrinar,
Simbolizado nesta laranja
Que agora vou te repassar...” (NASCIMENTO, 2005, p. 45-49)

Deve-se esclarecer que o mito descrito acima não é a única versão mitológica que existe na doutrina, o Santo Daime da “linha” do Padrinho Sebastião Mota de Melo, por exemplo, há como referência uma versão narrada no livro “O Evangelho Segundo Padrinho Sebastião”, de Alex Polari de Alverga, onde o Padrinho narra uma história semelhante que diz ter ouvido do próprio Mestre da “doutrina”, o Irineu:

“De dia, o Mestre ia cortar seringa no mato e o outro ficava em casa cozinhando a macaxeira dele. Quando tava com seis dias ele já andava cambaleando, não aguentava mais aquela macaxeira fria, até que quando estava cortando uma madeira dentro do igarapé uma voz falou pra ele: "Teu companheiro tá botando sal dentro da tua panela de macaxeira, pra saber se tu é sabido mesmo." Aí ele deu uma risada e disse com ele mesmo: "Oia, eu já tô adivinhando". E seguiu pra casa e quando chegou foi logo dizendo: "Você queria me matar, hein... ía botando sal na minha macaxeira!" O outro respondeu surpresa: "Rapaz!" agora sim eu tô alegre porque sei que você tá aprendendo alguma coisa. Fiz mesmo menção de botar o sal na panela pra ver se você sabia, porque se você não soubesse, você não tava aprendendo era nada. Mas eu estou satisfeito". Com oito dias Ela veio e entregou tudo a ele, que entendeu que Clara era uma visão da Deusa Universal, da *Rainha da Floresta*” (ALVERGA, 1998, p. 65).

Acima quando ele menciona sobre haver outra linha, é devido ao fato de o patrono desta, o Sebastião, ter seguido uma outra vertente a qual interage também com outras religiões, como é o caso da interação com a Umbanda e o Espiritismo. "Uma das linhas é a do próprio Mestre fundador e que permaneceu praticamente restrito ao estado do Acre" (LABATE, ROSE, SANTOS, 2008, pg. 27); e a outra do Padrinho Sebastião Mota de Melo que tem várias igrejas mundo afora. No CEFLURIS, como há essa interação com também com a umbanda, dá-se o nome de umbandaime, e esse nome, explica, é uma corrente para designar as práticas com a Umbanda, Junior, (2007).

Ambas “linhas” fazem o uso do sacramento Santo Daime e têm uma ritualística parecida no âmbito de haver trabalhos de concentração e bailados, que são “trabalhos”

distintos. O enfoque deste trabalho é analisar a linha do Padrinho Sebastião, haja vista que é nessa religião dita como doutrina por seus adeptos, que está inserido o sincretismo religioso com as demais religiões: o cristianismo, o espiritismo e umbanda, situação esta que permitirá analisar a sinonímia dos hagiônimos.

Na citação a seguir, destaca-se um sincretismo até mesmo quanto ao comparar o sacramento usado pela religião ao corpo de Cristo, como também acontece na Religião Católica, onde o padre serve a hóstia e o vinho como sendo o corpo e o sangue de Cristo, porém, a comparação é ao ritual em si, o qual se utiliza de situações semelhantes para comungar o corpo de Cristo:

“Da floresta a luz saiu engarrafada na mão de mensageiros enviados pelo próprio Pai Celestial. No coração do Amazonas, na mais densa e querida floresta do mundo, estava brilhando o cálice sagrado contendo o precioso sangue de Cristo. O que era o privilégio de uns poucos eleitos agora estaria oferecido para toda a humanidade” (MORTIMER, 2000, pg. 230-231).

Lúcio Mortimer considera o chá do santo daime como o próprio sangue de cristo, como podemos observar na citação. Em visita à igreja católica e também à igreja daimista em Palmas, nota-se que os rituais têm similaridades quando comparada a consagração do sacramento (daime) e da hóstia, em que ficam enfileirados e recebem o corpo de cristo. Essa é apenas uma similaridade quanto ao ritual em si, sobre a representação dada pelo compartilhamento, pois se formos comparar todo o processo, cada instituição é composta por suas regras, mas não descarta o fato de haver o sincretismo na religião com base a esse ritual e também refletindo sobre os santos que ambas cultuam, os hagiônimos da cultura cristã.

Antes tendo como primeiras referências religiosas o contexto cristão e também indígena, pois têm como símbolo uma bebida advinda dos povos nativos da região da américa do Sul, como também se tem uma ritualística no âmbito de bailar, e tocar um instrumento chamado "maracá", fortalecendo a ideia xamânica onde se adorava seres de uma cultura europeia. A Umbanda insere-se no contexto daimista da vertente do Padrinho Sebastião por volta do no ano de 1984, na Igreja Céu da Montanha, Greganich, (2011). Após isso, a autora destaca que no ano de 1985 o Padrinho Sebastião faz visita à igreja "fortalecendo a aliança da qual resultou no fardamento da Baixinha e de seus

filhos." (GREGANICH, 2011, p. 83). Antes disso, afirma que a mesma já havia participado de trabalhos bancas e gírias na Igreja Céu do Mar, fundada em 1982, e logo mais à frente, após os tempos que esteve no Céu da Montanha, funda outra a Igreja Lua Branca, todas localizadas no Rio.

5 O SANTO DAIME: SISTEMA CULTURAL

A religião do Santo Daime é um sistema cultural que agrega ao indivíduo uma forma de dar sentido ao mundo. Entende-se por cultura uma padronização de significados que são transmitidos historicamente, e são incorporados em forma de símbolos, Geertz, (2008), e define a religião como um sistema cultural em que cada indivíduo aprende os seus valores religiosos e com esses dão sentido ao mundo.

Com esses pressupostos, o Santo Daime é definido como um sistema cultural, pois carrega esses conceitos que o autor explica, estando presente na vida dos seus adeptos os símbolos, a forma de ver o mundo. O autor relata que “os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos*⁵ de um povo” (GEERTZ, 2008, p. 66). Com base nisso, vemos que os símbolos do SD, funcionam como forma de sintetização dos costumes das pessoas que compartilham essas ideias, e enxergam seu mundo com base ao convívio social no âmbito em que estão inseridos. E é a partir das representações destes símbolos que advém a forma de ver o mundo.

Os sistemas de símbolos aos quais ele explica conter nas religiões, refere-se aos padrões culturais e dispõem de fontes extrínsecas de informação (*ethos* e visão de mundo⁶) o *ethos* seria uma harmonia com o estilo de vida particular, e a visão de mundo uma metafísica específica. São eles que fornecem programas para os processos social e psicológico das pessoas ajustando as ações humanas em uma ordem cósmica e projetando imagens dessa ordem cósmica no plano da experiência humana.

Resumidamente, Geertz define a religião com os seguintes argumentos:

“(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes, e duradouras disposições e motivações nos homens através da (03) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas” (GEERTZ, 2008, p. 67).

Analisando as falas do autor, nota-se que cada religião possui características as

⁵ *Ethos* refere-se a uma harmonia fundamental entre um estilo de vida particular, segundo afirma Clifford Geertz no capítulo “A Religião como Sistema Cultural”, do Livro “A Interpretação das Culturas”.

⁶ A visão de mundo, como diz GEERTZ, (2008) é uma metafísica específica, ou seja, “ações humanas ajustadas pela religião a uma ordem cósmica”.

quais a torna um sistema cultural. Com isso, o SD também se refere a uma instituição possuidora de sistemas de símbolos que atuam para determinados objetivos no mundo. Na instituição daimista, seus adeptos têm como símbolos vários “objetos”: o sacramento, os hinos, que “são tidos como a própria "voz" da doutrina, legitimando as práticas e dando uma direção para os usuários do chá" (REHEN, 2007, p. 185), podem também ser considerados como símbolos a estabelecer as disposições e motivações, pois são formulados de conceitos relativos a uma ordem de existência real, como Geertz ao dizer haver nas instituições religiosas; os hagiônimos também são símbolos e representam para os praticantes da religião uma referência para que possam conviver melhor em sociedade, haja vista que são essas entidades também responsáveis por alguns dos propósitos de transformação de vida dessas pessoas, pois estabelecem uma harmonia de vida particular com as ações que refletem na sociedade

6 SEMÂNTICA E A SINONÍMIA DENTRO NA LITERATURA REGIONAL

Comparada aos estudos da etimologia, área da Linguística que preocupa-se em estudar a origem das palavras, a semântica é uma área recente que se ocupa de analisar os aspectos dos sentidos das linguagens escritas, Ullmann, (1977), ou seja, constata tanto a significação das palavras em sua visão lexical, como também na visão estrutural, mostrando como se portam as palavras nas suas estruturas em várias categorias textuais, em que os textos de hinários, que são poesias cantadas, uma literatura regional produzida, no Acre, tem importância em um estudo transdisciplinar abordar sobre sinônimos e hagiônimos.

Foi apenas no século XIX que a semântica passou a ser denominada como área da Linguística, onde ocuparia o papel de ciência autônoma do significado, porém, não significa que os antigos deixassem de se importar com os problemas que estes apresentavam. Stephen explica que “Fizeram muitas observações penetrantes acerca do emprego e do sentido das palavras e mencionaram diversos aspectos fundamentais da mudança semântica.” (ULLMANN, 1977, p. 08).

Segundo Borba, “os linguistas que pretendem ser semanticistas devem limitar o alcance do termo semântica ao estudo dos sistemas de noções vigentes nas línguas, isto é, ao enfoque da maneira como as noções, individuais ou não, se combinam em enunciados”. (BORBA, 2008, p. 226).

Busca-se entender a sinonímia (processo semântico) nos hagiônimos observando sua interação a partir da relação entre as outras, e entender a questão quanto às suas semelhanças entre os nomes das santas citadas, do SD, nos hinários da instituição.

Em vista disso, um exemplo a ser dado da própria estruturação desses hagiônimos se dá quando ao pensar sobre signo e significação, levando em consideração os hagiônimos aqui estudados. Num dado momento, o signo por se tratar de um "estímulo associado" provoca outro estímulo, de onde advém a imagem mental, onde amplia-se a concepção de interação e imagem aos quais representam um ao outro.

7 OS HAGIÔNIMOS: NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, RAINHA DA FLORESTA E IEMANJÁ, NO SD

Os hagiônimos, dentro da parte da onomástica e da antroponímia, significa a área que se ocupa em análises dos nomes de santos e outros elementos sagrados, conforme denomina AGUIAR, (2018). O termo onomástica, segundo a autora, é do grego antigo e significa o ato de nomear as coisas. Há duas distinções segundo a autora no âmbito da pesquisa onomástica: a Toponímia, que estuda nomes, em geral, de lugares; a antroponímia, ocupa-se então, de nomes e sobrenomes de pessoas estando os hagiônimos como sendo parte da antroponímia.

As Santas Nossa Senhora da Conceição, Rainha da Floresta e Iemanjá, são sinônimas no contexto do Santo Daime por intermédio do sincretismo, são elementos sagrados e referem-se uma à outra, sendo assim, são caracterizadas como hagiônimos que podem ser consideradas sinônimas.

Na religião daimista, por exemplo, também se faz referência a Jesus Cristo como um dos principais hagiônimos, como também revela Aguiar, (2018) sobre ele ser um dos mais reverenciados nas religiões cristãs, diz ela que “é fundamental analisar o nome mais reverenciado pelos cristãos, Jesus Cristo” AGUIAR, 2018, pág. 106. Como o SD é uma religião sincrética, Jesus Cristo também pode ser denominado como Oxalá (orixá advindo da umbanda), através da relação sincrética com a Umbanda. Essa relação das duas referências, foram notadas através de Bastide, (1961), descrevendo sobre os Candomblés.

7.1 Nossa Senhora da Conceição

Imagem 1



Fonte:

https://www.pliniocorreadeoliveira.info/Imaculadaconceicao_20131208_coluna_pracadeespanha.htm

A própria Aguiar, (2018) explica de forma bem sucinta, também, que o próprio nome Nossa Senhora é em relação a Maria, mãe de Cristo e que aderiu a vários nomes. Ela segue determinando e mostra que muitas delas diferenciam-se no nome apenas pelo local onde foram avistadas. Conceição vem do grego antigo *ὄνομαστική* (concepção), afirma.

O Artigo “Nossa Senhora Está Aqui!” Fé e Manifestação Religiosa à Senhora”, escrito por SILVA, LIMA, COSTA, SOUZA, nota-se que a Santa foi avistada por uma menina pobre, como o Mestre Irineu ao vê-la por nome Clara, e que “a invocação excepcional da Virgem Santíssima foi concebida e venerada antes de o Papa Pio IX ter proclamado o Dogma da Imaculada Conceição no ano de 1854. E também explica mais sobre o pronunciamento dessa nova nomenclatura tornando-a sinônima de virgem Maria:

“O Papa Pio IX na Bula *Ineffabilis Deus*, de 08 de dezembro de 1854, pronunciou solenemente como dogma a verdade que a Igreja tomou conhecimento ao longo dos séculos: Maria, “cumulada de graça” por Deus, foi redimida desde a concepção. A festa da Imaculada sendo realizada no dia 08 de dezembro foi incluída no Calendário Romano e tornando-a obrigatória.” (SILVA, LIMA, COSTA, SOUZA, 2017, pg. 373).

Com isso, observa-se que Nossa Senhora da Conceição, hagiônimo católico e também do Daime, Umbanda, por causa do sincretismo, passa a ter interação ao observar que também se torna sinônima ao se tratar de Virgem Maria, ou seja, é a mesma, mas com um contexto diferente das outras pela representação cultural que cada uma delas sobrepõem-se uma à outra.

Assim como proclamado o dia desta Santa em 08 de dezembro, de 1854 por representantes da igreja católica, na igreja daimista em Palmas-TO, como em todas as outras que seguem a vertente do Mestre Irineu, quanto do Padrinho Sebastião, bailam para a Santa cantando o hinário "O Cruzeiro", do mestre, do dia 07/12 para o dia 08/12, onde amanhecem o dia cantando os hinos recebidos por ele.

7.2 Rainha da floresta

Imagem 2



Fonte: <<http://santodaime.nextohm.com/Fardamento/>>

Como já explicitado no início do trabalho, a Rainha da Floresta foi tratada por esse nome pelo seu avistador, o Mestre Irineu. Relata a história que a Santa em primeiro momento disse ser Clara, despertando em quem a avistou noção de também ser a Nossa Senhora da Conceição, a Rainha da Floresta, como também relata os dados obtidos em

Moreira e MacRae, (2011).

Nos hinários é muito recorrente o uso do nome da entidade sagrada, e afirma Bonfim, (2006) que, "A Rainha me Mandou", de número oito do hinário o Cruzeiro, do Mestre Irineu, ensina a seus adeptos, ou visitantes como louvar a "Rainha da Paz, do Amor, da Floresta... pedindo e rogando para Ela nos mandar Santa Paz e alegria, e o Pão Nosso de cada dia." (BONFIM, 2006, p. 29). Através de hinário obtido na igreja do Santo Daime em Palmas, constitui o hino com o seguinte texto:

"A Rainha me mandou
Eu rezar para os meus irmãos
Para Ela lá no céu
Alimpar meu coração

A Rainha me mandou
Eu rezar para a humanidade
Para Ela lá no céu
Fazer as Vossas vontades

A Rainha me mandou
Eu rezar para os inocentes
Para Ela lá no céu
Rogar ao onipotente

A Rainha me mandou
Santa Paz e alegria
Para ela lá no céu
Mandar o pão de cada dia.

A Rainha me mandou
Eu rezar para o meu irmão
Para Ela lá no céu
Alimpar meu coração." (Mestre Irineu, n. 08.)

Nota-se, então, que A Rainha da Floresta é uma referência à própria mãe de Cristo, percebe-se pelo viés do sincretismo. Foi avistada na floresta e segundo muitos dados obtidos dos autores Moreira e MacRae, (2011), e teve sempre contato de mãe espiritual do Mestre Irineu, mostrando até mesmo como fazia para curar os doentes, sendo ela a referência para ele nesse contexto de mestre espiritual.

7.3 Iemanjá

Imagem 3



Fonte: <<https://www.google.com/amp/s/oglobo.globo.com/ela/gente/cultura-em-gente/iemanja-oito-curiosidades-sobre-historia-da-rainha-do-mar-24222250%3fversao=amp>>

Entidade advinda do território africano, com a chegada forçada de seu povo, esse hagiônimo, que está no Candomblé, na Umbanda, no Santo Daime, Barquinha e UDV, está presente não só nas crenças de religiosidades do Brasil, mas em várias religiões, por diversas partes do mundo, como visto em Bastide, (1961), e também ressalta: "Tanto no Brasil quanto na África, Yemanjá faz surgir os rios de seus seios que aperta entre as mãos" (BASTIDE, 1961, pg. 326), sendo esta a Deusa da água salgada, os mares e oceanos, a mãe da criação.

Do Iorubá, Iemanjá vem de "Yèyé omo ejá", que significa "Mãe cujo os filhos são peixe", afirma Verger, (1981). Numa de suas músicas, Maria Bethânia descreve que esta pode ter vários nomes, como na música "Yemanjá Rainha do Mar", a qual após perguntar em canto quantos nomes tem a Rainha do Mar, então ela diz que são os nomes: "Dandalunda", "Janaína", "Marabô", "Princesa de Aiocá", "Inaê", "Sereia", "Mucunã", "Maria", " Dona Yemanjá". De todos esses nomes, como se pode observar, também faz

referências a Maria, mãe de Jesus, sendo uma relação sincrética religiosa.

No verdadeiro candomblé marítimo, recebe suas oferendas dadas pelos fiéis em barquinhos. Os presentes ofertados à deusa são "sabões, água de colônia, flôres, espelinhos... dão lugar a procissões solenes como as organizadas por Joana de Ogun, ou a grandes festas populares, como a do "presente de Yemanjá" (BASTIDE, 1961, pg 92.).

No Santo Daime, em Palmas-TO, esta entidade tem um dia de adoração específico em 02 de fevereiro de cada ano, trazendo características da data comemorativa advinda do Candomblé. É cantado o hinário de Iemanjá, onde estão inseridos hinos de diferentes integrantes da doutrina, e a Rita Gregório de Melo (Madrinha Rita), casada com o Padrinho Sebastião, (matriarca e patriarca da doutrina em sua linha), tem o hino "Lá vem o sol nos curar que fala de da Rainha do Mar, a Iemanjá:

"Lá vem o sol nos curar
Vamos todos se firmar
No sol, na lua e nas estrelas
E na Rainha do Mar

Ceguei, já estou aqui
Ninguém queira duvidar
O que meu Pai me ordena
Eu tenho que afirmar

Meu Pai Vós nos abençoe
Nos dando o Vosso conforto
Que eu estando com Vós
Jamais me considero morto" (Madrinha Rita, n. 20).

Esse hino reflete menção a Iemanjá, a Rainha do Mar, pois é a mãe das águas salgadas. Ele está no hinário "Lua Branca", da Madrinha. Esse é mais uma referência para entender o sincretismo da religião amazônica, longínqua do mar, mas que a tem como algo que também representa significado a eles, mesmo sendo uma religião distinta, pois está inserida no sentido de força da natureza, assim como na floresta.

8 SINONÍMIA DE HAGIÔNIMOS NO SANTO DAIME

A sinonímia é uma propriedade semântica, estuda palavras sinônimas e que possuem quase sempre um mesmo significado. Nesse campo tem a sinonímia lexical (se dá entre pares de palavras) e a estrutural (paráfrase), que se ocupa em estudar a similaridade das sentenças, Cançado, (2008). A ideia presente aqui é buscar entender o fato de haver sinonímia no nome dos hagiônimos Nossa Senhora da Conceição (de cultura europeia), Rainha da Floresta (sul-americana) e Iemanjá (africana), e assim destacar suas semelhanças. Ilari e Geraldí, explicam que a pergunta “o que é sinonímia?” vem “intrigando os estudiosos há séculos e há uma resposta apenas aparentemente simples, segundo a qual sinonímia é identidade de significação.” ILARI, GERALDI, p. 43).

Mas identificaram também algumas ressalvas, e consideram que:

- (a) “Para que duas palavras sejam sinônimas, não basta que tenham a mesma extensão; (b) Para que duas palavras sejam sinônimas é preciso que façam, em todos os empregos, a mesma contribuição ao sentido da frase; (c) Duas palavras são sinônimas sempre que podem ser substituídas no contexto de qualquer frase sem que a frase passe de falsa a verdadeira, ou vice versa; (d) A sinonímia de palavras depende do contexto em que estão empregadas; (e) palavras presumidamente sinônimas sofrem sempre algum tipo de especialização, de sentido ou de uso” (ILARI, GERALDI, 1985, p. 43, 44, 45).
- (b)

No item (a) eles esclarecem a sinonímia lexical, e dão como exemplo duas expressões, em que “bichos de boca grande” não é sinônima com a expressão “bichos que passam parte do dia em terra firme e outra parte do dia no charco”. Exemplificam que “para duas palavras serem sinônimas não basta que denotem o mesmo conjunto de objetos (pessoas, animais coisas)” (ILARI, GERALDI, 1985, p. 43).

Eles, após todas essas ressalvas, relatam que como sugeriram vários autores, “a significação de uma palavra e o conjunto de contextos linguísticos em que pode ocorrer, então é impossível encontrar dois sinônimos perfeitos” (ILARI, GERALDI, 1985, p. 46.).

Com essas informações, percebe-se, ao usar os hagiônimos do SD como

exemplos de palavras sinônimas, só serão sinônimas dependendo do contexto religioso em que serão empregadas (no contexto do Santo Daime ou no da umbanda, candomblé e etc.), pois esses nomes como Iemanjá e Nossa Senhora da Conceição possuem uma definição em outros grupos religiosos, e dependendo do contexto em que esses nomes estiverem empregados, passariam a uma informação falsa em determinadas fases dependendo das concepções culturais do indivíduo que se depara com tais informações.

Um exemplo a ser dado é de um adepto da religião católica ler algo relacionado a santa Nossa Senhora da Conceição e entender esse nome em sua religião como a Virgem Maria, a própria mãe de Deus, e que por ser avistada em diferentes lugares, recebe nomes distintos- nomes como “Nossa Senhora de Fátima” (Avistada em Portugal), “Nossa Senhora de Aparecida” (avistada no Brasil), porém é a mesma entidade, é sinônima.

É possível pensar também em um integrante da Umbanda, por exemplo, que poderia denominar a mesma santa mencionada para os católicos, como a mesma Iemanjá, e para os adeptos do SD seria tanto a santa europeia e africana, a Rainha da Floresta. Sendo assim, a sinonímia que se aborda aqui, é referente ao contexto do SD que foi sincretizado com essas demais religiões, e para eles as frases em que esses nomes estão empregados, passariam a verdadeiro por terem a concepção cultural de interação com essas outras religiões mencionadas. Tudo dependerá de emprego de contexto para as palavras acarretarem ou não.

É possível destacar cânticos, chamados de "pontos", que se nota ainda mais abertamente a interação com essas distintas religiosidades, no qual eles cantam para as entidades da Umbanda: os orixás, os pretos velhos, caboclos, exus e etc. Em muitos dos cânticos aos quais pode-se observar sinonímia por viés do sincretismo, o da Madrinha Alice, no hino "Mamãe dos Ventos", do hinário "O Rosário", está uma menção a Santa Bárbara ser também Iansã, orixá advinda do candomblé e umbanda:

"Mamãe dos Ventos
Aqui eu vou chamar
Chamando o tempo
Para vir se adiantar

Justiceira, Vós vem
Na tempestade, Vós vem

Soprando o vento
Com vosso raio purificar

O vosso raio
É que rompe a imensidão
Para eu poder
Ouvir a voz do trovão

Eparrê, lansã
Eparrê, lansã
Eparrê
Dentro do meu coração

Minha Santa Bárbara
Com a vossa chama na mão
Vós sois Rainha
Da comunicação

Estais no fogo
Da fogueira de São João
Vós limpai a casa
Para a justificação

Mamãe dos Ventos
A vós eu vou louvar
E o meu Rosário
Também vos apresentar

Varrei as trevas, lansã
Na varreção, lansã
Iluminai
Toda esta escuridão" (Madrinha Alice n. 06).

Num dado momento é possível perceber já de início a referência "O Rosário", tipo de adereço advindo do catolicismo, o sincretismo em agregam-se elementos do Candomblé e Umbanda, ao pensar sobre a Orixá lansã. Percebe-se, ainda, que ela chama a Orixá, mostra que essa é a força dos ventos e tem uma relação com o tempo. Trata-a como a Justiceira que vem da tempestade, ela sopra o vento e os raios purificam. Esse raio rompe a imensidão e dá lugar ao barulho do trovão que se refere a Xangô. Ela saúda "Eparrê, lansã", e logo interliga sentido de lansã, ser a mesma Santa Bárbara, com uma chama na mão, a rainha da comunicação. Engloba mais elementos do catolicismo, onde também canta sobre a fogueira de São João. No caso, Xangô é sintetizado com São João. Percebe-se então no hino a relação sincrética, devido adquirir elementos

umbandistas e denota significado a um mesmo objeto.

A Santa Bárbara, como conta Couto, (2010) foi morta pelo próprio pai e este foi atingido por um raio em meio a um temporal, fazendo com que os fiéis, no século III, a destacassem como tendo relação com Deus, pois este comandava a natureza. Nesse caso, esse hagiônimo não se configura como sendo uma Virgem Maria que foi avistada por alguém no sentido astral, mas que foi uma pessoa que realmente consta relato de vida em terra, na Nicomédia.

Visto isso, percebe-se que em demais nomes de entidades no Santo Daime é possível destacar a sinonímia entre culturas distintas e que englobam sentido aos adeptos através da interligação sincrética, tornando-as sinônimas.

9 SOBRE O SISTEMA CULTURAL DO SANTO DAIME, EM PALMAS-TO

A Igreja do Santo Daime em Palmas/TO, localizada na chácara Nova Dimensão, no km 13, da TO-020, disponibilizou hinários aos quais se pudesse analisar a interação sobre as santas. Além disso, serviu também como um local onde pode-se analisar como se constitui a igreja e seus símbolos.

O nome da igreja remete ao nome de um hinário do Padrinho Alfredo, o Alfredo Gregório de Melo, filho do Padrinho Sebastião. Ela tem um formato piramidal, um salão com grandes colunas as quais sustentam a igreja, que rodeada de muretas, tendo os fiéis vista para a natureza ali presente.

Logo quando se adentra ao local, pode ser observada uma grande imagem do Mestre Irineu no teto, e na bancada de despacho do Santo Daime, há um cruzeirinho da doutrina e um grande quadro à frente dela a qual reflete a imagem do Padrinho Sebastião. Ao meio da igreja está uma mesa em formato de estrela de seis (6) pontas, no centro está colocado um outro cruzeiro da doutrina quando se tem encontros. Nos dias de trabalho essa mesa é enfeitada, com flores e pedras de distintas cores. A imagem de Conceição do lado da entrada e a de São José para onde está a mesa de despacho. São colocadas velas para cada imagem dos santos e essas não podem ser apagadas até o final dos trabalhos. Do lado direito para quem entra, na parede do lado de fora do quarto onde se coloca as crianças para dormir, possui uma imagem de iemanjá dentro de uma capela. Na frente da igreja há um grande Cruzeiro, onde fica-se posta uma casinha com vela acesa e onde serão colocadas as outras. A esquerda da igreja, pro lado de quem está olhando para o cruzeiro do lado de fora, fica a casinha do Exu Tranca Rua, ao qual considera-se ser o defensor das porteiras das igrejas. Nas dependências da igreja possui a casa do caseiro, cozinha, banheiros masculino e feminino, jardins tanto em volta da igreja como na cozinha, possui um galpão onde guarda-se alguns objetos e a casa de feitiço onde preparam o chá.

Com essa explicação sobre as dependências do local, pode-se observar o uso das referências que cantam nos hinos expostas em imagens, representando códigos. As santidades sempre são reverenciadas e expõe-se a interação com a Umbanda, em que ao mesmo tempo que se observa símbolos advindos do catolicismo, há também símbolos

das religiões afro-brasileiras.

10 ANÁLISE DA SINONÍMIA ENTRE IEMANJÁ, NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E RAINHA DA FLORESTA

Para analisar a presente sinonímia, utilizou-se de dois cânticos do Santo Daime: hino e ponto. Num dado momento, ao mesmo tempo em que a referência pode ser uma ou outra santa ao cantar o hino, o ponto também dá sentido à palavra sinônima, ao comparar ao que dá sentido à orixá e concomitantemente as santas. Os cânticos analisados foram o hino: "Eu vinha de Viagem", do hinário "O Justiceiro", do Padrinho Sebastião, que mostra a interação Rainha da Floresta e Nossa Senhora da Conceição e o no ponto "Caboclo Afirma o Ponto", do hinário do Padrinho Roberto Corrente, ofertado por Gecila, em que dá sentido às mesmas santas. Esses cânticos também podem ser encontrados no acervo de hinários do site do Santo Daime em que estará disponível nas referências.

10.1 Análise de sinonímia entre Nossa Senhora da Conceição e Rainha da Floresta em "Eu Vinha De Viagem"

Este hino é composto por nove (9) estrofes e dezoito (18) versos. Serão analisadas as primeiras três (3) estrofes e os nove (9) versos, cada verso é cantado por duas vezes e logo no seu corpus textual mostra interação entre as Santas. Entenda "Rainha" como dito "x" e a Virgem da Conceição como não dito "y" um dizer dentro de um não dizer, podendo destacar uma sinonímia presente:

"Eu vinha de viagem
Vi uma estrela brilhando
Eram os olhos da rainha
Que estava me olhando

Há muito tempo eu dormia
Não podia me acordar
Acordei porque sonhei
Com uma voz a me chamar

Acordei muito assustado
Por estar dentro de um salão
Mas estava encostado
A Virgem da Conceição..." (Padrinho Sebastião, n. 11).

O hino apresenta na primeira estrofe um relato do receptor do hino (eu lírico) em uma viagem, e assim observa uma estrela e que a mesma remetia aos olhos da Rainha. Nesse sentido, a Rainha (Rainha da Floresta) "x" pode ser destacada como a própria Virgem da Conceição "y", haja vista que por serem sinônimas, a representa dessa forma pelo contexto em que vivem. Não foi necessariamente dito (o dito) em "x" a quem se referia em primeiro instante, mas a lembrança dos discursos nessa instituição leva ao campo de pensamento do que se tem a ver com o interdiscurso, a ideologia e a formação discursiva presentes na língua, pois social e historicamente esses nomes se assemelham para os adeptos. Perceba ainda que sempre há referência a algo relativo à natureza. Nesse caso a estrela que são seus olhos, ligado inteiramente a cosmologia, a natureza que se pode observar a Rainha da Floresta/Nossa Senhora da Conceição.

Na segunda estrofe ele afirma que há muito tempo dormia, não estava acordado e despertou com uma voz, no mesmo instante em que acorda assustado, e na terceira estrofe, explica que já estava num salão encostado à Virgem da Conceição. Quando se chega nessa parte do texto, o dono do hino já cita a Nossa Senhora da Conceição "y", visto que assim como a Rainha da Floresta eles são representativos a um objeto. A mesma Rainha não dita explicitamente o seu nome completo no início, mas agora percebe-se quem ela representa. Os olhos da Rainha são os olhos da Rainha da Floresta, como também são os de Nossa Senhora da Conceição.

Nesse caso, a sinonímia aparece diretamente no hino, bem como apareceu em lansã, outra orixá, do contexto candomblecista e umbandista, fazendo relação com a Santa Bárbara. Provando que no dito explicitamente há sim um não dito para os adeptos, formando um processo discursivo em que ocorre sinonímia.

10.2 Análise entre Rainha da Floresta, Nossa Senhora da Conceição e Iemanjá em "Caboclo Afirma o Ponto"

Este hino é composto por seis (6) estrofes e doze 12 versos, e será analisado as primeiras três (3) estrofes (6) versos, entenda "Ondas do Mar ", "Estrela Matutina" como o dito "X", e a "Mãe de Jesus menino", como não dito "Y", em que "x" tem valor de "y":

"Estejam em pé firme
 Que vem das ondas do mar
 Caboclo afirma o ponto
 Para as princesas bailar

É a estrela matutina
 É a Mãe de Jesus Menino
 Meu Pai, Vós nos dê pureza
 Para esta força eu aqui cantar

Ela vem com alegria
 Ela vem na harmonia
 Ela vem de passo em passo
 Esta estrela que nos guiar..." (of. Gecila, n. 24).

No hino observa-se que diz para estarem firmes que virá das ondas do mar (x), isto é, a força da natureza lemanjá "y". Não está dito ali com as palavras "a força do mar é lemanjá, mas o texto, para quem está neste âmbito sociocultural, entende dessa forma pela interação dos discursos de adepto para adepto, respeitando a história dos hinos recebidos, estando dito na lembrança, na memória, está no interdiscurso.

Como visto no hino acima do padrinho Sebastião, na segunda estrofe novamente a estrela representa sempre o mesmo sentido da mesma Santa ao comparar os dois hinos, no outro significa os olhos da Santa, e neste a representa como também sendo Ela vinda do mar.

Ainda na segunda estrofe, essas ondas do mar representam então a própria "Mãe de Jesus Menino", a própria Nossa Senhora da Conceição ou Rainha da Floresta, num não dito "y", se como visto representam o mesmo sentido por serem sinônimas.

Tendo essas análises, pode ser possível notar que através de dentro da perspectiva do "dito" no "não dito" se observa o interdiscurso, a sinonímia se faz presente ao comparar tais hinos, formando dessas três santas, uma unidade significativa.

11 CONCLUSÃO

Através de todos os dados obtidos entre livros, hinários, artigos, destaca-se que as santas Nossa Senhora da Conceição, Rainha da Floresta e a orixá Iemanjá, representam a uma mesma divindade a partir da interação sincrética, onde unem-se culturas de diferentes religiões, tornando-as sinônimas, em que, ocorre também um processo da semântica, a sinonímia.

Dentro desse processo, foi possível destacar que a Clara, a mesma Rainha da Floresta avistada pelo Mestre Irineu, e sincretizada por ele como sendo a Nossa Senhora da Conceição, não exime o valor de ser também sincretizada como sendo Iemanjá num dado período histórico em que interagiu o Padrinho Sebastião, com os valores obtidos na Umbanda, a qual também interage com conceitos do catolicismo. Há uma valorização dos significados ao expor algumas características dos orixás aos das Virgens Marias, as quais remetem esse sentido à força da mãe. Bastide (1961), relata sobre que os orixás eram personificados em pessoas, tornando-as avatares dada a força de determinadas forças da natureza. Não interfere pela via dessa regra, que os umbandistas, candomblecistas e daimistas também codificassem essa força da Mãe, da criação a quem deu à luz a Jesus, um simbólico para todas as religiões aqui analisadas. Ele também afirma que "é indubitável que a mitologia africana foi repensada muitas vezes em termos cristãos, no novo meio brasileiro em que penetrou." (BASTIDE, 1961, p. 326). Ele aborda até mesmo sobre as lutas que os Orixás enfrentam ao defenderem seus filhos que se assemelham às lutas do livro de Homero, entre gregos e Troianos.

Dadas essas reflexões, mostra-se que os objetivos da qual constituiu-se o desenrolar das argumentações, foi proposto e concluído, e assim notou-se que existe sinonímia nos hagiônimos do Santo Daime, trazendo ao meio acadêmico mais uma referência dentro de uma reflexão formulada entre linguagens, num processo transdisciplinar, onde houve pesquisa nas literaturas dos hinos, semânticos, como também estudos socioculturais, determinado, assim, que os hagiônimos da mostrada religião, nos estudos a partir dos hinários obtidos na igreja de Palmas-TO, que advém dessa religião da floresta, muitas vezes constituem o processo de sinonímia ao compará-los a diferentes nomenclaturas.

Esses hinos se usados em âmbito de ensino de literatura regional, podem ampliar o pensamento com dados obtidos no texto, para se formular trabalhos de literatura ao qual conecta também assuntos sociais, ambientais, e de interação de culturas e linguagem, inserindo esses hinos no contexto da área da educação, podendo se tornar uma fonte de pesquisa aos quais pode-se entender sobre os hagiônimos e suas relação semântica, dado o processo semântico da sinonímia. Amplia-se assim a variedade de sinônimos em que também pode-se constatar em nomes de seres sagrados nessa religião.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, S. M. Hagiônimos em Goiás. in: **Onomástica e a Identidade do Homem**.

AGUIAR, M.; CASTRO, C. M.; DIAS, L. A. Goiânia: Imprensa Universitária, 2018. p. 95-141.

ALVERGA, P. A. **O Evangelho segundo Sebastião Mota**. Céu do Mapiá, Amazonas: CEFLURIS, 1998.

ASSIS, G. L. de; LABATE, B. C.; CAVNAR, C. Música, tradução e linguagem na diáspora do Santo Daime. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 60, n. 1, p. 165-192, 2017. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2017.132102. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/132102>. Acesso em: 24 maio. 2021.

ASSIS, G. L. de; LABATE, B. C. Dos igarapés da Amazônia para o outro lado do Atlântico: a expansão e internacionalização do Santo Daime no contexto religioso global. **Religião & Sociedade**, v. 34, n. 2, p. 11-35, 2014.

BASTIDE, R. **O Candomblé da Bahia**: (Rito Nagô); tradução Maria Izaura Pereira de Queiroz. Companhia Editora São Paulo, São Paulo, 1961.

BETHANIA, Maria. **Iemanjá Rainha do Mar**. Rio de Janeiro. Biscoito Fino. 4, 2:36 min. 2008.

BOMFIM, J. **O Jardim de belas flores do Mestre Raimundo Irineu Serra**. 2006.

BORBA, F. Introdução aos estudos linguísticos. Capítulo V. São Paulo: Pontes, 2008.

CANÇADO, M. **Manual de semântica noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte. ed. UFMG. 2 edição revisada. 2008.

CORRENTE, Roberto. Caboclo Afirma o Ponto. In: **Caboclo Guerreiro**. Hinos Santo Daime. Disponível em: <https://hinos.santodaime.org/acervo/pad-corrente/caboclo-guerreiro-tx>. Acesso em: 17/05/2021

COUTO, E. Festa de Santa Bárbara e Iansã: os baianos entre fronteiras tênues e complementação de crenças. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 11, n. 31, p. 203-219, 2018.

DA SILVA, Daniel Marra; MILANI, Sebastião Elias. Whitney, Saussure, Meillet e Labov: a língua como um fato social. **Anais do SILEL**, v. 3, p. 1-12, 2013.

FREIRE, Maria Alice. Mamãe dos Ventos. In: **O Rosário**. Nossa Irmandade. Disponível em: <https://www.nossairmandade.com/hymn/1291/Mam%C3%A3eDosVentos>. Acesso em: 24/05/2021.

OLIVEIRA, Assis da Costa. LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. 233p.(Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes n. 1).

GEERTZ, C. A Religião como Sistema Cultural. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUIRAUD, P. **A Semântica**; Tradução e adaptação por Maria Elisa Mascarenhas. 3º ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Difusão Ed. S, A, 1980, p. 15-33.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da

Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2016.

HALL, S. **Cultura e representação**; Tradução Daniel Miranda, William Oliveria. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

HURLBUT, J. **História da igreja cristã**. São Paulo: Editora Vida, 2020.

ILARI, R.; GERALDI, W. J. **Semântica**. Capítulo 4. São Paulo: Ática, 2006.

JUNIOR, A. M. A. **Tambores para a Rainha da Floresta: a inserção da Umbanda no Santo Daime**. Dissertação de Mestrado – Mestrado em Ciências da Religião. PUC, São Paulo, 2007.

KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**; Tradução Salvador Gentile. São Paulo: Ide Editora, 2010.

LABATE, B. c. ROSE, I. S.; SANTOS, R. G. **Religiões Ayahuasqueiras - urn balance bibliográfico**. Campinas: Mercado das Letras/Fapesp, 2008.

MAGALHÃES, E. Um Barquinho para navegar: devoção e habitus religioso na constituição da Capelinha de São Francisco. **Religião & Sociedade**, v. 36, n. 2, p. 161-187, 2016.

MARRA, D.; MILANI, S. E. Uma teoria social da lingua(gem) anunciada no limiar do século XX por Antoine Meillet. *Linha D'Água*, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 67-90, 2012. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v25i2p67-90. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47715>. Acesso em: 17 maio. 2021.

MELO, Rita. Lá Vem o Sol. In: **Lua Branca**. Disponível em: <https://hinos.santodaime.org/acervo/rita-gregorio-de-melo/lua-branca-estudio>. Acesso

em: 24/05/2021

MOTA, Sebastião. Eu vinha de Viagem. In: **O Justiceiro**. Hinos Santo Daime.

Disponível em: <https://hinos.santodaime.org/acervo/padrinho-sebastiao-mota/justiceiro-comitiva>. Acesso em: 17/05/2021.

MOREIRA, P.; MACRAE, E. **Eu venho de longe**: Mestre Irineu e seus companheiros. Salvador: EDUFBA – ABESUP, 2014.

MORTIMER, L. **Bença, Padrinho**. São Paulo: Céu de Maria, 2000.

NASCIMENTO, B. S. **No brilho da lua branca**. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2005.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

POMPA, C. M. **Religião como tradução**: missionários, Tupi e "Tapuia" no Brasil colonial. Tese de Doutorado – Programa de Doutorado em Ciências Sociais. UNICAMP, Campinas, 2001.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos avançados**, v. 18, n. 52, p. 223-238, 2004.

PRANDI, R. Modernidade com feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX. **Tempo Social; Rev. Social**. USP, S. Paulo, 2 (1): 49-74, 1. Sem. 1990.

REHEN, Lucas Kastrup Fonseca. "Receber não é compor": música e emoção na religião do Santo Daime. **Religião & Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 181-212, 2007.

RICCIARDI, S. G. **O uso da ayahuasca e a experiência de transformação, alívio e cura, na União do Vegetal (UDV)**. Dissertação de Mestrado – Pró-Reitoria de Pós-

graduação em Ciências Sociais. UFB, Salvador, 2008.

SANCHIS, Pierre. As tramas sincréticas da história: sincretismo e modernidades no espaço luso-brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 10, 1995.

SERRA, Irineu. A Rainha Me Mandou. In: **O Cruzeiro**. Hinos do Santo Daime.
Disponível em: <https://hinos.santodaime.org/acervo/mestre-irineu/o-cruzeiro-comitiva>.
Acesso em: 24/05/2021.

ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 4. Ed. Trad. de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.